



Requiem

Gabriel Fauré

30 de Novembro | *Domingo*

18h00 | Igreja Matriz de São Martinho do Bispo

Teresa Queirós *Soprano*

Carlos Figueiredo *Baixo*

Isilda Margarida *Direção Musical*

Grupo Vocal Ad Libitum

Coro da Academia Martiniana

Coro Comunitário

Margarida Queirós *violino*

Luís Silva *viola I*

Alexandre Sayal *viola II*

Mateus Queirós *violoncelo I*

Joana Sayal *violoncelo II*

João Mendes *contrabaixo*

Joel Cura *trompa I*

Eduarda Neves *trompa II*

Rui Vilão *Órgão*

Manuel Carnevalheiro Dias *Prelúdio inicial*

Produção e co-realização: Grupo Coral Ad Libitum e Academia Martiniana

PROGRAMA

Gabriel Fauré

(1845 - 1924)

Requiem, em ré menor, op. 48

1. *Introitus et Kyrie*

2. *Offertorium*

3. *Sanctus*

4. *Pie Jesu*

5. *Agnus Dei*

6. *Libera me*

7. *In paradisum*

Gabriel Fauré — Requiem, Op. 48

Entre o tempo e a luz: Uma meditação sonora sobre a travessia serena da finitude

«Já há tanto tempo que acompanho funerais ao órgão! Estou farto. Quis fazer outra coisa.» — assim se expressava Gabriel Fauré, revelando não desdém, mas desejo de renovação: o impulso de olhar a morte com outra luz. Organista em Saint-Sauveur de Rennes desde os 20 anos, e posteriormente mestre de capela na Madeleine, em Paris, Fauré conhecia profundamente o repertório litúrgico do seu tempo. É a partir dessa intimidade com o rito que o seu Requiem nasce, em 1887, como uma obra de reflexão, serenidade e delicadeza, assumindo a forma de uma travessia musical da finitude.

A conceção do Requiem revela escolhas deliberadas: Fauré suprimiu o gradual, o Dies irae e o Benedictus, remodelou o Offertoire e o Agnus Dei, introduzindo a comunhão Lux aeterna, acrescentou o Pie Jesu para a Elevação e incorporou o Libera me e o In paradisum, provenientes do ofício dos defuntos. Esta liberdade textual e musical reflete uma visão da morte que não se apoia na teatralidade ou no terror escatológico, mas na contemplação, na suavidade e na esperança — uma liturgia da serenidade. O Requiem foi apresentado pela primeira vez a 16 de janeiro de 1888, na igreja da Madeleine, numa cerimónia em memória do arquiteto Joseph Le Soufaché. O Pie Jesu foi interpretado por Louis Aubert, ainda criança, e a obra, então reduzida a um pequeno conjunto instrumental, não incluía o Offertoire nem o Libera me. O solo de barítono do Offertoire surgiu em 1889, seguido, provavelmente cinco anos depois, das secções corais que o enquadram. O Libera me, originalmente composto por Fauré em 1877 para voz e órgão, foi incorporado em 1891, enquanto a orquestração se enriqueceu na primavera de 1888 com metais — possivelmente com a colaboração de Roger-Ducasse, segundo o musicólogo Jean-Michel Nectoux. Esta versão de câmara foi apresentada em 21 de janeiro de 1893, durante a missa anual em memória de Luís XVI. Em 1900, o público ouviu a versão sinfónica em Lille e no Trocadero, durante a Exposição Universal, embora muitos intérpretes contemporâneos prefiram a intimidade da formação de 1893, sem madeiras, trombones ou tímpanos.

Composta entre a morte do pai, em julho de 1885, e da mãe, em dezembro de 1887, Fauré escreveu esta obra «por nada... por prazer». Apesar das sucessivas camadas adicionadas ao longo dos anos, a música mantém uma

homogeneidade estilística notável. Afasta-se da grandiloquência de outros réquiens do século XIX, favorecendo o tom contemplativo, por vezes sombrio e solene, intercalado com momentos de suavidade e ternura. No In paradisum, a melodia serafina dos sopranos oferece o consolo que o compositor desejava transmitir: não lamento, mas promessa de luz e de repouso.

O Requiem de Fauré é, assim, mais do que música funerária; é meditação sobre a finitude, convite à introspecção e à esperança serena. Cada gesto sonoro é travessia, cada pausa, uma contemplação do tempo e da eternidade. Na sua simplicidade e profundidade, a obra revela que a música, mesmo diante do fim, não encerra, mas abre horizontes: uma experiência que ilumina a morte, não com terror, mas com claridade e ternura.

Requiem

«*Requiem aeternam dona eis, Domine (Dá-lhes, Senhor, o eterno repouso)*»: assim se iniciam as palavras da missa dos defuntos, que acabaria por se tornar conhecida simplesmente como “Requiem”. Na Idade Média, estas palavras ecoavam em canto gregoriano, flutuando como uma prece que atravessava os tempos e os espaços da liturgia, entre silêncio e luz. Por volta de 1470, Ockeghem compôs o primeiro requiem polifônico que nos chegou, abrindo caminho a uma tradição que contaria, desde o Renascimento até hoje, com mais de dois mil réquiens.

Em 1570, o missal romano do Concílio de Trento fixou a missa dos defuntos, antes sujeita a variações regionais: Introito (*Requiem aeternam*), Kyrie, gradual (*Requiem aeternam*), tratado (*Absolve, Domine*), sequência (*Dies irae*), ofertório (*Domine, Jesu Christe*), Sanctus, Agnus Dei, comunhão (*Lux aeterna*), e responsório (*Libera me*). Cada parte era uma invocação ao tempo que se esgota e à promessa do repouso, cada palavra um fio que unia o presente ao eterno.

No Barroco, a música transforma-se em narrativa dramática: surgem vozes solistas e instrumentos, os textos longos são divididos em andamentos contrastantes, a polifonia renascentista dialoga com árias de inspiração operística. Cada nota é gesto, cada pausa, reflexão: a música do fim da vida torna-se não apenas rito, mas a experiência estética, espaço onde a mortalidade se encontra com a transcendência.

Nos séculos seguintes, o Requiem assume múltiplas facetas: uns compositores privilegiam a dimensão espetacular – Gossec, Berlioz, Verdi, Ligeti –, outros a austeridade – Cherubini, Liszt –, ou ainda a consolação – Schumann, Fauré. E há obras que, embora levem o título de “Requiem”, não se limitam ao texto litúrgico latino: *Ein deutsches Requiem* de Brahms (1868), *Das Berliner Requiem* de Weill (1928), *War Requiem* de Britten (1962), *Requiem pour un jeune poète* de Zimmermann (1969) – cada uma refletindo a morte não apenas como fim, mas como a experiência humana, memória e redenção.

O Requiem, em todas as suas formas, é assim mais do que a música para funerais: é travessia do tempo, meditação sobre a finitude, espaço onde a arte transforma o efêmero em luz, o silêncio em eternidade, e a perda em contemplação.

Libretto

Introitus et Kyrie

*Requiem aeternam dona eis,
Domine,
Dá-lhes, Senhor, o eterno repouso,*

*et lux perpetua luceat eis.
e que para eles resplandeça a luz
perpétua.*

*Te decet hymnus, Deus, in Sion,
A ti são dirigidos hinos em Sião,*

*et tibi reddetur votum in
Jerusalem:
a ti são oferecidas homenagens em
Jerusalém.*

*Exaudi orationem meam,
Ouve a minha oração,*

*ad te omnis caro veniet.
diante de Ti comparecem todas as
criaturas.*

*Kyrie eleison.
Senhor, tem piedade de nós*

*Christe eleison.
Cristo, tem piedade de nós*

*Kyrie eleison.
Senhor, tem piedade de nós*

Offertorium

*O Domine Jesu Christe, Rex
gloriae,
Senhor Jesus Cristo, Rei da Glória,*

*libera animas defunctorum
liberta as almas dos que morreram*

*de poenis inferni et de profundo
lacu.
das penas do inferno e do lago
profundo.*

*O Domine Jesu Christe, Rex
gloriae,
Senhor Jesus Cristo, Rei da Glória,*

*libera me animas defunctorum
liberta as almas dos que morreram*

*de ore leonis,
da boca do leão,*

*ne absorbeat tatarus,
que não sejam absorvidas no inferno,*

*ne cadant in obscurum.
nem caiam na escuridão.*

*Hostias et preces tibi, Domine,
laudis offerimus.
Sacrifícios e preces a Ti, Senhor,
oferecemos com louvores.*

*Tu suscipe pro animabus illis,
Recebe-os em favor daquelas almas,*

*quarum hodie memoriam facimus.
das quais hoje nos lembramos.*

*Fac eas, Domine, de morte
transire ad vitam,
Fá-las passar, Senhor, da morte
para a vida,*

*quam olim Abrahae promisisti et
semini ejus.
conforme prometeste a Abraão e à
sua descendência.*

*O Domine Jesu Christe, Rex
gloriae,
Senhor Jesus Cristo, Rei da
Glória,*

*libera anima defunctorum
liberta as almas dos que morreram*

*de poenis inferni et de profundo
lacu.
das penas do inferno e do lago
profundo.*

*Ne cadant in obscurum.
Que não caiam na escuridão.*

Amen.

Sanctus

*Sanctus, Sanctus, Sanctus
Dominus, Deus Sabaoth.
Santo, Santo, Santo, Senhor Deus
dos Exércitos.*

*Pleni sunt coeli et terra gloria
tua.
Cheios estão os céus e a terra da
Tua glória.*

*Hosanna in excelsis.
Hosana nas alturas.*

Pie Jesu

*Pie Jesu Domine
Piedoso Senhor Jesus*

*dona eis requiem,
dá-lhes repouso,*

*requiem, sempiternam.
repouso eterno.*

Agnus Dei

*Agnus Dei, qui tollis peccata
mundi:*

*Cordeiro de Deus que tiras os
pecados do mundo:*

*donna eis requiem,
dá-lhes repouso,*

*requiem sempiternam.
repouso eterno.*

*Lux aeterna luceat eis, Domine:
Que a luz eterna os ilumine, Senhor:*

*Cum Sanctis tuis in aeternum: quia
pius es.*

*Com os teus santos pela eternidade:
pois és piedoso.*

*Requiem aeternam dona eis,
Domine,
Dá-lhes, Senhor, repouso eterno dá-
lhes,*

Libera me

Libera me, Domine, de morte aeterna,

Livra-me, Senhor, da morte eterna,

in die illa tremenda
naquele dia tremendo,

quando coeli movendi sunt et terra,

quando os céus e a terra se estiverem a mover,

dum veneris judicare saeculum per ignem.

Quando vieres julgar o mundo pelo fogo.

Tremens factus sum ego, et timeo
Tremo e tenho medo,

dum discussio venerit,
por causa do dia do julgamento,

atque ventura ira.
e da ira que com ele virá.

Dies illa, dies irae,
Naquele dia, dia de ira,

calamitatis et miseriae,
de calamidade e de miséria,

dies magna et amara valde.
dia grande e verdadeiramente amargo.

Requiem aeternam, dona eis, Domine,
Dá-lhe o descanso eterno, Senhor,

et lux perpetua luceat eis.
e que a luz perpétua o ilumine.

Libera me, Domine.
Liberta-me, Senhor.

In paradisum

In paradisum deducant te angeli,
Que os anjos te recebam no Paraíso,

in tuo adventu suscipiant te martyres,
e que à tua chegada os Mártires te recebam,

et perducant te in civitatem sanctam Jerusalem.
e te levem à cidade santa, Jerusalém.

Chorus angelorum te suscipiat,
Que o coro dos anjos te receba,

et cum Lazaro quondam paupere,
e com Lázaro, que foi pobre,

aeternam habeas requiem.
tenhas o descanso eterno.

Gabriel Fauré (1845-1924)

Nascido em 1845, Gabriel Fauré entrou aos nove anos na École Niedermeyer, iniciando um percurso que cedo uniu talento e disciplina. Aos vinte e um anos torna-se organista em Saint-Sauveur, em Rennes, e depois em diversas igrejas de Paris, até alcançar a Madeleine, onde será mestre de coro em 1874, mestre de capela em 1877 e organista titular em 1896. A sua primeira obra-prima, a Sonata para violino de 1876, anuncia um universo musical singular, delicado e introspetivo. Em 1883 casa com Marie Fremiet, iniciando uma vida familiar que convive com a sua intensa atividade artística.

Ao longo da carreira, Fauré dá forma a géneros tão íntimos quanto eternos: os Nocturnes e Barcarolles, que continuam a pulsar até aos últimos anos da sua vida. Em 1888 surgem a Pavane e o Requiem, obras que revelam a sua capacidade de transformar a melancolia em beleza. O ciclo La Bonne Chanson conclui-se em 1894, seguido dos Thème et variations para piano, em 1895. No ano seguinte, surpreende ao ser nomeado professor de composição no Conservatório de Paris, sem ter nele estudado; entre os seus discípulos encontram-se Ravel, Koechlin, Enesco e Schmitt, cada um absorvendo, à sua maneira, a delicada alquimia sonora de Fauré.

A sua música de cena, como para Pelléas et Mélisande (1898), ecoa nas salas londrinas, enquanto a tragédia lírica Prométhée estreia nas arenas de Béziers em 1900, ano em que conhece Marguerite Hasselmans, pianista que se tornará sua companheira até ao fim. Em 1903 torna-se crítico no Figaro, dois anos depois, é nomeado diretor do conservatório, reformando a pedagogia e a administração, sempre guiado por um senso profundo de rigor e sensibilidade.

A vida musical de Fauré é marcada também pelo desafio da surdez, que surge nos primeiros anos do século XX e se agrava progressivamente. Ainda assim, a criatividade não se retira na última década, multiplicam-se obras como Mirages, enquanto o compositor, quase surdo, dá-nos a Sonata para violoncelo nº2, o Quinteto com piano nº2, L'Horizon chimérique, e os Trio e Quarteto de cordas – peças de rara introspeção, onde cada nota parece afirmar a eternidade do som interior.

Em 1920 reforma-se do Conservatório, recebendo homenagem pelo legado pedagógico e artístico. Ao falecer em Paris, em novembro de 1924, a sua partida é marcada por honras fúnebres nacionais, numa despedida digna de quem, ao longo da vida, transformou a melancolia em música, o silêncio em claridade, e o tempo em eternidade.

Teresa Queirós | Soprano

Soprano portuguesa licenciada em Música, variante de Canto, pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto, na classe do professor Rui Taveira, estando atualmente a trabalhar sob orientação da professora Carla Pais.

Apresenta-se regularmente como solista e integrando coros em concertos e produções de ópera em importantes salas do país, tendo já trabalhado com os maestros Peter Rundel, Stefan Blunier, António Saiote, Sergio Alapont, Diogo Costa e Isilda Margarida.

Orienta o coro comunitário do serviço educativo do Quarteto Contratempus, Contravozes (Porto), e faz parte da direção artística do Grupo Vocal Ad Libitum (Coimbra). Integra o Misericordiae Ensemble (Vila do Conde) e o Art'Amoris Ensemble (Coimbra), e colabora regularmente com os coros Moços do Coro (Porto), Laetare Ensemble (Porto) e Essence Voices (Ourém).

Interpretou como coralista diversas obras, destacando-se a 2ª Sinfonia, de G. Mahler, 9ª Sinfonia, de L. van Beethoven, Jesu meine Freude, de J.S. Bach, Dixit Dominus, de G. F. Händel, Berliner Messe, de Arvo Pärt, Magnificat em Talha Dourada, de E. Carrapatoso, e Vespro della Beata Vergine, de C. Monteverdi, nesta também como solista. Foi, ainda, solista na Petite Messe Solennelle, de G. Rossini, no Requiem em Ré menor, de G. Fauré, no Magnificat, de A. Vivaldi, na Missa Brevis em Sib maior, de W. A. Mozart, e Planctus Beatae Virginis e Primeira Lamentação de Quinta-feira Santa, de J. Rodrigues Esteves.

No âmbito da ópera, interpretou Elas, na estreia de Lugar Comum, de Sofia Sousa Rocha, com libreto de Mário João Alves, First Witch, em Dido and Æneas, de H. Purcell, Despina, em Così fan tutte, de W. A. Mozart, e Lauretta, em La Donna di Genio Volubile, de M. Portugal. Integrou os coros de Elisir d'amore, de G. Donizetti, Così fan tutte, de W. A. Mozart, The Pirates of Penzance de W.S. Gilbert e A. Sullivan e da estreia de Mátria, de F. Lapa, ópera escrita e realizada em Vila Real.



Carlos Figueiredo | Barítono

Baixo-barítono português que estuda Canto Clássico no Real Conservatório de Haia, nos Países Baixos com Noa Frenkel, bem como um menor em contrabaixo jazz com Gulli Gudmunson. Natural de Coimbra, Carlos iniciou os seus estudos em violino aos 7 anos no Conservatório de Música de Coimbra.

Tendo integrado o estúdio de ópera desde muito cedo, com papéis como Papageno em "Die Zauberflöte" e Luther/Miracle em "Les Contes d'Hoffmann", Carlos desenvolveu uma profunda admiração pelo canto, pela representação e pela experiência de estar em palco.

Aos 14 anos, integrou oficialmente a classe de canto tendo aulas com a soprano portuguesa Joaquina Ly.

Frequentou a classe de ópera do Conservatório de Coimbra desde os 10 anos, sob a orientação do tenor Mário João Alves e, desde 2021, da soprano Carla Pais.

Em 2022, Carlos obteve o 2.º lugar no XIII Concurso Nacional de Canto.

Em 2023, participou no Festival ao Largo, no Teatro Nacional de São Carlos.

Estreou-se na Dutch National Opera interpretando o papel principal na estreia da ópera contemporânea "Huzz Shaqq Batar" durante o Opera Forward Festival.

Mais recentemente, integrou produções de "Dido & Aeneas" e "Le nozze di Figaro", em digressão pelos Países Baixos, atuando nas principais casas de ópera do país.



Isilda M. A. Margarida | *Direção musical*

Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Música de Coimbra, tendo concluído o Curso Complementar de Piano em 1982, na classe do professor Mário de Sousa Santos. Durante a sua estadia em Macau, entre 1982 e 1984, frequentou a Academia de Música Pio XI de Macau, onde trabalhou com o professor Stuart Bonner em Piano, Análise e Composição e Coro. Sob a orientação do professor José Carlos Travassos Cortez frequentou o Curso Superior de Piano, já na escola oficial do Conservatório de Música de Coimbra, terminando-o em 1990. Seguidamente ingressou na Licenciatura em Ensino da Música (Piano) da Universidade de Aveiro, na classe do professor Álvaro Teixeira Lopes, que concluiu em 1997. Entre 1999 e 2004 frequentou o curso de Canto da Escola Superior das Artes e do Espectáculo (Instituto Politécnico do Porto), na classe do professor José de Oliveira Lopes. A sua experiência vocal remonta à participação, desde jovem, como elemento do naipe de contraltos em vários coros: Coro do Conservatório Regional de Música de Coimbra, Coro da Academia de Música Pio XI, de Macau, Coral de Letras da Universidade de Coimbra, Coro Misto da Universidade de Coimbra, Coro de Câmara do Conservatório de Música de Coimbra, Grupo Vocal da Fundação Cupertino de Miranda, Ensemble Vocal ADARTE, Choral Aeminium, Coro da Orquestra Clássica do Centro, Manuel Faria Ensemble, tendo participado também como solista alto em várias obras para coro, solistas e orquestra como o Requiem de Mozart, o Stabat Mater de Pergolesi, a Oratória de Natal e várias cantatas de Bach, a ópera “Le Roussignol” de Stravinsky, entre outras. No âmbito da sua actividade como maestra, frequentou o V Curso Internacional de Direcção Coral de Sines, ministrado pelos mestres John Ros, Edgar Saramago e Vianey da Cruz, o V Curso Internacional de Música Vocal, na classe de Direcção Coral dos maestros António Vassalo Lourenço e Paulo Lourenço e o 1o Curso de Direcção de Coros Infantis de Guimarães, orientado por Basílio Astulez Duque, entre outros. É, desde 1991, maestra do Grupo Vocal Ad Libitum (GVAL) e criou em 2007 o coro infanto-juvenil Cherubinni Ad Libitum. Entre 1994 e 1998 foi responsável pela direcção artística do Coro de Professores de Coimbra. Foi co-directora artística do Choral Aeminium (associação de vários coros da cidade de Coimbra criada no âmbito do 10o aniversário do GVAL), do Ensemble Vocal ADARTE, do Coro da Orquestra Clássica do Centro e do Manuel Faria Ensemble. Em 2019 integrou o novo projeto coral Coimbra Vocal como co-diretora artística. Em 2022 aceitou o desafio de orientar artisticamente o “Coro de Pais e EE da Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra”, projeto de ligação à comunidade escolar proposto pela direcção da escola. Integra, como cantora, o recentemente Art'Amoris Ensemble. É professora de Piano do Quadro de Nomeação Definitiva da atual Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra.



Grupo Vocal Ad Libitum

O Grupo Vocal Ad Libitum (GVAL) iniciou a sua actividade em 1991 com um total 16 cantores, reflectindo a sua opção por uma sonoridade muito própria, em que cada elemento se apresenta ao público com a responsabilidade de um solista.

A actividade do Ad Libitum centra-se, na preparação de um repertório variado de música popular e erudita tanto de carater sacro como profano para interpretação em concertos e eventos culturais diversos. Já realizou atuações em Portugal, Espanha, Polónia, Brasil e o Canadá. Em 2016, na comemoração dos seus 25 anos, o GVAL realizou uma digressão pela Ilha da Madeira.

Em 2015, o Ad Libitum integrou na sua companhia o Lead Voices, um grupo vocal com banda musical e solistas, que se dedica à interpretação de música nos estilos Pop, Soul e Jazz.

Desde a sua fundação, o GVAL é dirigido pela maestrina Isilda Margarida.

Coro da Academia Martiniana

O Coro da Academia Martiniana nasce da necessidade de otimizar a prática de conjunto por parte da Academia. O antigo Grupo Vocal, agora denominado Coro da Academia Martiniana, tendo como objetivo principal a prática coral, representando assim a instituição em projetos artisticamente relevantes, tanto dentro como fora de portas. Estes projetos proporcionam aos coralistas, a possibilidade de aprofundar a prática e a interpretação de música coral, para além do contexto educativo, permitindo desenvolver a capacidade artística nessa área.

Embora se tenha debruçado em repertório acappella e também em obras da era renascentista e barroca, o Coro pretende não se limitar a uma época nem a uma pequena formação, podendo explorar repertório coral sinfónico. Desde a sua renovação, é dirigido pelo Professor Gabriel Neves dos Santos, também professor da classe de Canto na mesma instituição, e é constituído tanto por alunos como por ex-alunos da Academia Martiniana.

APOIO INSTITUCIONAL



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

PARCERIAS



ORGANIZAÇÃO



An abstract, flowing yellow graphic element that starts as a thick stroke from the bottom left, curves upwards and to the right, then loops back down and to the left, ending in a small circular shape at the top right. It serves as a background for the text.

Próximo concerto

Ensemble da Academia Martiniana

27 de Dezembro | *Sábado*
21h00 | *Igreja Matriz de São Martinho do Bispo*

